

O descontrolado da indústria farmacêutica

Márcio Almeida

Vivemos hoje numa sociedade medicalizada. O Brasil em particular sofre as conseqüências desta medicalização de forma drástica e crucial na medida em que o problema dos medicamentos funciona como um dos principais entraves do desenvolvimento econômico e social.

Nesta área sofremos uma dependência que atinge níveis altíssimos que chegam a afetar a segurança nacional. Enquanto os estrategistas militares bolam suas cartilhas de planejamento familiar, visando um controle da natalidade, supondo assim estar defendendo a pátria às indústrias transnacionais na área de medicamentos dominam o mercado, deitam e rolam na manipulação de expressiva parcela do capital econômico da nação. Nada mais, nada menos do que 50% das importações no setor químico referem-se a insumos para a indústria farmacêutica. Em termos de remessa de lucros para o exterior, a indústria de medicamentos só perde para a indústria automobilística.

Numa análise bastante completa sobre a política de medicamentos, Cor-

deiro Temporão e Guterrez levantam dados surpreendentes da área farmacêutica. Esta consegue, a partir da detecção de um alto nível de concentração na produção mundial de medicamentos — 25 companhias entre 10.000 existentes produzem metade dos produtos farmacêuticos — elaborar as bases da dominação econômica exercida por este setor de produção.

Quem estiver atento à distribuição da produção de medicamentos no mundo, observará uma concentração muito grande de produtos básicos. Um exemplo claro: existem centenas de indústrias manufaturando analgésicos, à base de ácido acetilsalicílico e dipirona, mas poucos são os fabricantes destas drogas.

A quantidade de ácido acetilsalicílico que se importa neste país é aterradora: 750 toneladas só no ano de 1982. O volume de "aspirina" já manufaturada em outros países não fica muito distante — foram 400 toneladas no mesmo ano. Estes números não aparentam ter sofrido um decréscimo nos últimos anos.

A América Latina sofre ainda a influência de fatores internos importantes no estímulo para importação de certas drogas específicas. O fato de vivermos numa região onde as doenças infecto-contagiosas vicejam sem nenhum controle sanitário, estimula a importação e manufatura aumentada de antimicrobianos. Nesta categoria tem especial destaque a classe dos antibióticos, linha de frente na produção das indústrias multinacionais.

O Brasil, a Argentina e o México dispõem de uma vantagem significativa em relação aos outros países da América Latina: têm condições de manufaturar a maior parte dos intermediários de que necessita para a indústria farmacêutica.

Não têm, entretanto, controle do mercado medicamentoso de seus países na medida em que mantêm uma política de "olhos vendados" com transnacionais nesta área. Elas conseguem burlar toda as as legislações de controle por sinal rígidas e de caráter nacionalista — e controlam desde a importação até a exportação de medicamentos no País.